

O problema do mal e do sofrimento no livro de Jó

Jesus Tavernard Júnior

“Deus ou não quer tirar os males e não pode, ou não pode e não quer, ou não quer nem pode ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que não pode ser Deus. Se pode e não quer, é invejoso, o que igualmente é contrário a Deus. Se não quer nem pode, é invejoso e impotente, portanto, não é Deus. Se quer e pode, o que só convém a Deus, de que provém a existência dos males e por que não os elimina?” (Fr. 374, Usener, dos epicuristas contra os estóicos).

Introdução

Conta-se que um jovem ameaçava suicidar-se de um parapeito de uma ponte. Um policial recebeu a incumbência de dissuadi-lo do gesto tresloucado. Vagarosamente subiu até onde ele estava e arrastou-se em sua direção. Ainda fora do alcance dos seus braços, iniciou o diálogo: “Jovem, a vida é bela, vale a pena viver”. O rapaz continuava resoluta a matar-se. O policial tentou outra tática: “Eu lhe darei dez razões pelas quais você não deve suicidar-se e depois permitirei que você me diga por que deseja morrer”. Minutos depois os dois se jogaram da ponte¹.

De modo tragicômico, essa história desvela um pouco de nossa angústia existencial e a busca sedenta que temos pela felicidade.

Em uma de suas reflexões, declarou Blaise Pascal: “Todos os homens buscam felicidade, até aqueles que vão enforcar-se”².

Marx, num dos seus escritos, também declarou — “no palco da história humana ora se vê comédia, ora se vê tragédia”³. Este último é o que transparece no livro de Jó, pois o que o livro retrata — entre tantas coisas — não é a felicidade⁴, mas o infortúnio; não é a alegria, mas a tragicidade do cotidiano. Vê-se, efusivamente, a presença do absurdo e do trágico que circunda endógena e exogenamente a natureza humana.

Jó é nosso contemporâneo. Sua história se confunde com a nossa. À semelhança dele, vemos muitos dos nossos dilemas estampados não apenas em suas reflexões, mas, sobretudo, em seu sofrimento. Afinal, quantos/as não se encontram cambaleando por terem sido alvejados pela flecha envenenada da dor lancinante e do sofrimento?

Abatido sem razão alguma, Jó traz à baila essa temática tão remota e ao mesmo tempo tão presente no cotidiano de todos nós, a saber, a problemática do sofrimento e do mal que aflige o gênero humano.

¹ Extraído da Revista Ultimato, Jan/1998.

² COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*, p. 1.

³ Citação feita de memória.

⁴ Para abordar a felicidade numa perspectiva filosófica atual, ver a excelente obra de COMTE-SPONVILLE, *A felicidade, desesperadamente*, acima referendado, em que trata da temática da felicidade como uma possibilidade que se presentifica em *ato* e não em *vontade*, pois a vontade tem haver com desejo, e desejar (no caso ser feliz) é “esperar sem *gozar*”, é “esperar sem *saber*”, é “esperar sem *poder*”, eis o trinômio que envolve o campo dos desejos. Seguindo os rastros deixados pelos platonistas e divergindo deles ao mesmo tempo, Comte-Sponville fala que desejo é carência, que o desejo é falta. Só desejamos, por definição, o que não temos, pois aquilo que temos não se constitui como objeto de nosso desejo. E repetimos este ciclo por intermináveis vezes, e por isso mesmo não somos felizes. No entanto, a fórmula deve ser invertida: nunca somos felizes pois a projetamos na esperança, no futuro, e o futuro nunca está aqui e, portanto, jamais seremos felizes, porque no futuro não se tem o gozo efetivo. Para o autor, o aqui e o agora é o que nos interessa: ao invés de esperar a plenitude, viver cada ‘momentinho’ da vida com intensidade e perceber nele cenários felizes. Nesse ponto, ele crítica o cristianismo, que projeta a felicidade para um além-futuro, numa outra vida, repleta de gozo e felicidade, negando a possibilidade de a satisfação humana dar-se efetivamente aqui na terra, mas não é nosso objetivo tratar disso no decorrer deste artigo.

O livro de Jó não é um livro de história, mas de sabedoria. É classificado como gênero literário sapiencial, pertencente à área da poesia hebraica. Considerado uma unidade, o livro se esforça para registrar o drama contido no abatimento de Jó, hipoteticamente uma invenção literária, que narra a epopéia vivida por um tal de Jó, que ao vislumbrar o seu flagelo, acena para uma representação mais ampla, uma carga dramática vivenciada pelo povo judeu no pós-exílio.

Entretanto, é preciso que situemos no âmbito da nossa exposição o que entendemos por bem-estar (como substrato da felicidade) antes de nos determos com mais perícia e fundamentação sobre a problemática do mal e do sofrimento em Jó. É mister, nesse particular, uma ponderação: se o bem-estar significa alívio, supressão, privação e ausência de quaisquer efeitos nocivos e dolorosos à vida humana, então o sofrimento seria seu contrário: revelaria a onipresença da inquietude, da dor incômoda, do mal-estar refletido na esfera existencial, quer de ordem física, psicológica ou espiritual.

Ora, mas se o sofrimento é incômodo e tacitamente maléfico ao corpo, porque existem pessoas para quem o sofrimento não é sofrimento, a dor não é dor; antes, a dor é altamente estimulante e prazerosa, tal como se observa nos círculos sadomasoquistas, para quem a dor não é outra coisa senão fonte de prazer e não o contrário. Embora tais grupos sejam minoria, eles existem e não podem, sob pena da redução da análise que pretendemos fazer, ser ignorados.

Em contraposição, o que caracterizaria, então, o real sofrimento em Jó? Por que ele sofre sendo justo? Quais os motivos pelos quais está sofrendo?

1. Uma concepção ideológica equivocada sobre Deus

Em primeiro lugar, Jó sofre por causa de uma concepção ideológica equivocada sobre Deus (Jó sofre psicologicamente).

Na época em que o livro foi redigido o povo de Israel estava realizando uma grande mudança política. Eles tinham passado pelo sofrimento do exílio na Babilônia onde perderam casa, terras, templo e, sobretudo, a religião. Eles nem sabiam mais se eram judeus. Ao voltarem para sua terrinha, teriam de reconstruir tudo. O livro de Jó, portanto, é a imagem dessa reconstrução. Jó está sofrendo, e muito. E seus amigos — Elifaz, Bildade e Sofar — acham que ele está pagando por seus pecados. Sua inocência está em jogo. Seu sofrimento é antinômico⁵. Deus havia se transformado em “inimigo” perseguidor que o amedronta diária e ininterruptamente. O mal, ou o sofrimento em Jó, não é moral. Mas é um mal viral. Uma metástase que se alastra sem deixar vestígios de sua próxima atuação. Por que sofrem os homens? — eis aí um problema sobre o qual Jó se debruça e para o qual canaliza suas energias.

Em seu tempo, qualquer indivíduo que padecia de patologias repentinas e nefastas, tal como se verifica em Jó, era visto como um ser “abominável”, tido como “impuro”, que havia contraído a ira divina em retribuição ao pecado cometido.

O livro de Jó é uma meditação de um sábio sobre o sofrimento. Se o observarmos como um conto popular, então o esse velho conto é a história de um Jó piedoso e “paciente”, que tudo “sofre”, “espera” e “padece”. Que sem sentido foi atingido por um mal inex-

⁵ *Antinomia*, em sua acepção mais exata, designa “conflito de leis” (QUINTILIANO, hist. or. VII, 7,1) — porém, achamos por bem, como complementaridade, evocar à asserção provida de Kant, indicando “conflito em que a razão se encontra consigo mesma em virtude dos seus próprios processos mentais”, In verbete “Teodicéia”, ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, p. 62. Obviamente, o tema central de Jó é o sofrimento. Contudo, neste artigo, ensaiei outro modo de ler o livro que não aquele exposto pelo modelo hermenêutico tradicional: trata-se de lê-lo além das evidências teológicas, da banalidade ou da singularidade a que o livro comumente é submetido. Trata-lo como ensaio filosófico, ainda que não o seja, talvez seja um caminho possível para uma leitura mais profunda acerca do sofrimento, porque o sofrimento não é apenas um tema bíblico, é um tema filosófico que foi tratado no livro de Jó de forma bíblica. Ora, a pluralidade de leituras, se se considera o texto encharcado de polissemias, já se constitui efetivamente como filosófica. Não pretendeu-se também desenvolver aqui antídotos ou pílulas conceituais para a tão sonhada felicidade, como se ufanam as muitas prédicas que ouvimos. Mas buscamos aprender com o sofrimento, se de fato ele for magisterial. Se for assim, aprender a superar os dilemas ‘com’ e ‘no’ sofrimento representa *di per se* sinal de amadurecimento e reconhecimento do papel trágico que encerra a vida humana.

plicável, possivelmente um câncer de pele, pois tumores saiam pelo seu corpo. O sábio que está narrando esse conto vê-se na sua pele e formula a seguinte indagação: “Que significa esse mal de que sofro?” Como me sobreveio se não o mereço? Como pode um homem piedoso e sincero sofrer tanto enquanto os maus e perversos não são atingidos por nenhum flagelo? Que lógica divina é essa? Absurda ou pedagógica? Se for pedagogia, então como ensinar as pessoas boas o que devem fazer se *a priori* já o fazem? Não são os pecadores, os zombadores e ateus que precisam de correção? Como, pois, agora Deus se volta contra um servo seu e o esmaga triturando até os ossos?

A fisionomia de um Deus clientelista ou, dito de outro modo, paternalista, que gratifica a uns por sua bondade e a outros por sua maldade é inconcebível para Jó, vez que ele só praticava o bem. Fomos ensinados que Deus nos castiga quando fazemos o mal e nos recompensa quando praticamos o bem. Isso formou em nós a idéia de um Deus policialesco, que nos mete medo e nos vigia lá do céu. No entanto, os vários textos das Escrituras afirmam que ele nos ama até quando sofremos ou as coisas vão mal. A amorosidade divina ultrapassa nossas expectativas, nosso malabarismo cútico e nossa performance religiosa.

Ainda hoje existem muitas pessoas que associam sofrimento ao pecado. Porém, as coisas não são assim. É o caso de Jó: sofre sem motivo aparente. Demonstra ser mais um duelo entre forças titânicas: Deus e Satanás — uma disputa agonística — pela suposta crença e fidelidade de um pobre mortal do que pela prática de fé esposada por ele, visto haver elementos de sobra (apontados nos versos de 1,1-5) que indicam fervorosidade, o zelo de Jó, sua temeridade como consequência de uma vida devota a Javé. Só que esta relação será obstaculizada por conta de uma rivalidade. Satanás duvida da fidelidade de Jó. Deus não. Desculpe o tom anedótico, mas — a partir da cassinização da fé —, começa a aposta. E com ela o sofrimento do nosso irmão Jó. E talvez, o de alguns de nós.

Ouçá-se, nesse ciclo de tragicidade evolutiva, a voz trêmula de um pensador moribundo no leito de morte: “Nasci sem saber o sentido da vida, cresci sem saber o sentido da vida e estou morrendo sem saber o sentido da vida”. A rigor, o livro de Jó é uma poesia que se debate na tentativa frenética de refletir sobre o sofrimento que acinzentava nossa vida, de ‘desvendar’ o grande enigma que cerca nossa existência. Decifra-me ou devoro-te? — eis, portanto, a pergunta propugnada pela vida, pelo mal, pelo sofrimento. Já que nunca os deciframos, somos constantemente devorados, pelo mal, pelo sofrimento, pela vida. Jó se torna bode expiatório de Deus (Jó 7.20). É trágico para uma rede de poderes exteriores que não compreende muito bem. Se Deus o ama, por que o faz sofrer tanto? Mais ainda: que sentido há em sofrer por um mal que se não cometeu? Além do mais, quantos e quantas carregamos um fardo de um erro que nós não cometemos? “Estou farto dos semideuses. Onde estão as gentes, as pessoas que nunca falharam, que nunca se bestializaram” (Fernando Pessoa).

À semelhança de Jesus, Jó sofre sem ter pecado ou feito mal algum, mas que é condenado sem rancor e zombado até as últimas consequências pelos supostos amigos. Numa palavra — Jó não é pecador nato nem necessita dessa “co-beligerância” de seus irmãos, valendo-me dessa expressão cunhada por Schaeffer. No momento em que mais precisou de seus amigos, eles não estavam ali para ajudá-lo. E mais: conspiraram teologicamente contra ele com vistas a vasculharem-lhe algum pecado. E se Jó tivesse falhado? Seria o caso de Deus sentenciá-lo ou execrá-lo da companhia dos seus “amigos-da-onça”, de sua mulher, dos seus bens e dos seus filhos? De ter que provar a sua fidelidade por meio de um suplício? A solidão, os amigos que vem e vão tão só para acusá-lo, a perda dos filhos, dos bens, a esposa que verbera palavras mal/ditas, fazem Jó sofrer.

Inobstante, Jó não fica atarantado tão-somente por essa teologia malversada, por essa formulação ideológica falsificada de Deus ou pelo sufrágio dos laços familiares. Se for assim, “a felicidade seria,

em última instância, um mito mascarador que escamoteia as contradições sociais e os flagelos humanos” (parafraseando Baudrillard). Existem outros elementos que perturbam e incomodam o Jó sofredor, enfocado nas linhas a seguir.

2. O aparente abandono de Deus

Em segundo lugar, o sofrimento de Jó reside no aparente abandono de Deus (Jó sofre espiritualmente).

A equivocidade é de menor escala. Vislumbra-se na vida pessoal de Jó um complô muito bem maquiavelizado — um personagem que sorrateiramente trabalha às ocultas —, pronto a devorá-lo. Trata-se do problema do mal, essa face divina do diabólico, como diria Paul Ricoeur⁶. Do sofrimento que acomete mais da metade da população mundial, cujo princípio é demarcado, por um lado, por seu caráter ambíguo, e, por outro lado, por sua enigmaticidade capaz de arremessar contra a parede a mais sólida base filosófica e as melhores teorias epistemológicas.

Ademais, o sofrimento humano — ou o mal⁷ — é um assunto que há muito foi debatido pelos antigos. Na Grécia Antiga, Epicuro engrossou as fileiras dos que filosofaram sobre seu agir nas pessoas. Boécio, na Idade Média, não apenas reflete sobre o sofrer em *A consolação da Filosofia*, mas sentiria sua presença imperiosa nos mártires que, logo em seguida, experimentaria através da guarda pretoriana. Sabedor que seus algozes o submeteriam a várias torturas passa, então, a tematizar sobre o sofrimento na tentativa de, assim fazendo,

⁶ Ricoeur, PAUL. *O MAL – UM DESAFIO À FILOSOFIA E À TEOLOGIA*, p. 48-49.

⁷ Mal, do latim *malum*. Essa terminologia vem sendo tratada ao longo desse artigo como possuidora de significados multívocos, tão extensos como na sua versão antitética *bem*. O problema do mal em Jó pode ser compreendido como uma série de sucessões trágicas impingidas sobre ele sem sentido e significado. Não poucas vezes, utilizamos o termo “sofrimento” como derivação do “mal” ou como seu equivalente, embora não o seja propriamente dito, mas pode ser interpretado como desdobramento da atuação do mal que ocorre multifacialmente. O sofrimento é efeito do mal e não seu ato causal.

encontrar explicação lógico-racional para ele. Ao que chega à seguinte conclusão: a justiça seja ela proveniente de Deus, seja ela postergada pela jurisprudência romana é totalmente cega. Não há sentido para ela. É uma formulação criada para uns poucos privilegiados, posto que até a justiça comete seus erros.

Ora, se em Boécio a justiça é completamente cega, em Jó, por extensão, existe uma completa estaticidade, paralisia, uma vez que a justiça divina não só é cega, mas o é surda e muda. Ainda que Deus não seja o protagonista do mal em Jó, todavia é seu “coadjutor”. Jó ancorara sua fé no Deus de seus pais, e agora o Deus dele some de cena. Pior do que isso, ele permite que o mal a ele se avizinha, absorvendo-o por completo. O bem-estar físico, moral e espiritual de Jó foi confiscado. De queda em queda, chegou ao ápice da degradação.

No fundo, o que consome mais a Jó não é o sofrimento-em-si. Mas é o sentimento de abandono, de aparente solidão em que se encontra. Nesse interregno, onde Deus está? Por que não se mexe? Por que razão não sai ao seu encontro? Por que não põe fim ao seu sofrimento? Será que Deus não está vendo que é o opressor que precisa de mais penitências e lições? Ou será que Deus evaporou? Mumificou-se? Sumiu de cena? Ele quer uma resposta de Deus. Ele quer que Deus aja! O imobilismo de Deus incomoda a Jó. Por mais que a barafunda teológica tenha se instalado, não é apenas isso que inquieta o Jó sofredor, nem a doença que lhe consome a carne a razão de sua dor. Mas é a aparente ausência, apatia, silêncio de Deus. Jó quer saber sobre sua etiologia. Mesmo que a dor seja latente, dói o fato de pensar que Deus havia lhe abandonado. Que ficara órfão de Deus. Quantas vezes não sentimos este mesmo sentimento de desamparo e orfandade e repetimos, no mesmo de gesto de Jesus, a frase interpelatória dos sofredores: “Deus meu, Deus meu porque me desamparastes!?”

Na hora em que Jó mais precisa de Deus, ele se ausenta dele. Deus havia se convertido num ídolo. Num ectoplasma. Uma imagem

holográfica que se encerra com o comprometimento das baterias. Uma visão surrealista do passado.

Influenciado pelo dualismo persa e pela idéia tradicional de que Deus recompensa os que praticam o bem e pune os que praticam o mal, Jó questiona por estar sendo castigado quando ele só fez o bem. Além disso, a teologia da tradição anterior assentou sua crença num Deus portentoso e interventor na História. Em Jó ocorre um deslocamento de paradigma: de um Deus que intervém para um Deus que se encontra engessado e amarrado pelos laços da temporalidade, haja vista a não decretar o fim do seu sofrimento. A inanição de Deus, seu indiferentismo, fere a racionalidade de Jó, para não dizer da sua fé. Sua “apatia” é causadora dos tormentos de Jó. Ele ora e Deus não responde. É um questionador. Quer bases sólidas para aquilo que crê. A fé não anula a razão. Daí o fato de ele argüir, indagar, questionar. A fé não pode alimentar o obscurantismo e a ignorância. Mas deve ver no ato pensante o fundamento que lhe dá seu sustento, mesmo que este seja precário e limitado.

Percebe-se, desta forma, que o sofrimento além de milenar, coletivo e histórico, também o é pessoal. De fato, quantos/as de nós já não sofreu sucessivos e duros golpes pela perda de um ente querido? Quantos/as de nós já não viu imerso num estado de pavor e desespero frente ao desemprego, à recessão que acena para nós? Quantos e quantas não sofrem no Brasil contemporâneo por não terem acesso à educação, à saúde e ao lazer, sendo-lhes roubado o direito à dignidade e, sobretudo, à vida? E onde Deus está frente a tudo isso?

Nesse ínterim, é mister que evitemos incorrer em discrepâncias no que tange a uma imagem equívoca de Deus, tecida ao longo do tempo, por meio da qual Deus é caricaturado como “primeiro motor”, “causa primeira”, “dinamitador” dos infortúnios e desgraças humanos. Urge, com efeito, corrigi-la, se não eliminá-la por completo, porque ela tem como epicentro e princípio fundador (do mal e do sofrimento), o *numen*, o divino — Deus.

Para efeito de análise, apenas algumas constatações. O século XX que se findou foi um século marcado por avanços notáveis no campo científico e tecnológico. Também o foi na matança social — foi um século “genocida”, “sangrento”, “etnocêntrico” e “virulento”. Nele, e apenas nele, contabilizou-se acima de 100 conflitos armados. Dentre eles, duas Grandes Guerras Mundiais, que a *posteriori* trouxe a guerra Fria, em que houve um aumento vertiginoso do arsenal bélico e nuclear das grandes potências, que patrocinaram a seu bel-prazer uma guerra sub-reptícia e produzindo pânico e a iminência de um confronto nuclear.

O século XX será lembrado mais pelo genocídio em Auschwitz, Bósnia e Ruanda do que pela vacina de Sabin. Some-se a isso, no eixo brasileiro, a poluição e degradação de nossos rios. Teríamos de recompor o Hino Nacional justo porque os nossos bosques perderam a vida. As margens do Ipiranga não são mais plácidas, se é que ainda possuem margem. Nossas florestas estão sendo devastadas pela exploração e ganância do guloso mercado madeireiro. Nas cidades falta segurança e a criminalidade segue sua inevitabilidade. Dia após outro assistimos pacífica e assustadoramente um fenômeno que se agiganta no mundo urbano, mas nem por isso menos monstruoso, do qual até já nos acostumamos, quais sejam, o crescimento vertiginoso da mendicância nos faróis, da favelização nos morros, da exploração infantil e do abandono das senhoras e senhores da terceira idade.

Não querendo ser alarmista, nem catastrófico, nem apocalíptico, porém os cientistas afirmam que os cataclismos naturais, tais como tempestades, furacões, tornados, maremotos, enchentes e estiagens, ocorridos no planeta, são resultados da agressão patrocinada pelo consumismo egoístico do homem pós-moderno, que violenta e agride a natureza sem permitir-lhe recomposição.

O problema do sofrimento tem haver com a nossa presença num mundo que nós mesmos tornamos hostil. Por conseguinte, o fato de estarmos no mundo já implica na possibilidade de contrairmos uma doença provocada pela emissão de gases poluentes emitidos pe-

los automóveis e fábricas; por uma carne que sofreu alteração química; pelo ritmo frenético e alucinado das grandes metrópoles, como São Paulo. A humanidade ao longo do século passado e, por extensão, ao longo do processo civilizatório, produziu barbárie e miséria. A hecatombe social e coletiva é uma bandeira que nós mesmos hastreamos, visto nos anais da história e nas grandes carnificinas mundiais. Portanto, o mal produzido não é mal demoníaco, sobrenatural ou metafísico, é de fabricação caseira. Diria Nietzsche, a degradação é “humana, demasiadamente humana”. Se assim for, se existir um culpado pelas doenças nefastas e mortandades em grande proporção, esse culpado somos nós. Deus não é o patrono das desgraças e misérias humanas⁸. E sim os seres humanos, que, por sua decadência inerente, encontram-se equidistantes da graça de Deus (modelo antitético) — instauradora da paz, do amor e da harmonia.

3. A fragilidade da corporeidade

Em terceiro e último lugar, Jó está sofrendo por causa de uma infecção generalizada (Jó sofre fisicamente).

O sofrimento humano assemelha-se a uma carta lacrada e endereçada a todos e a ninguém. E ao falar de sofrimento personaliza-

⁸ É óbvio que, às voltas com a realidade sinistra do mal, também optamos por uma leitura teológica apologética. Aqui repousa bo problema da Teodicéia: se o enunciado do problema do mal vincula-se a proposições que visam univocidade, desdobram-se geralmente em três asserções: i) Deus é Todo-Poderoso; sua bondade é infinita; o mal existe; ii) O fim da argumentação sobre o mal é apologética (é o nosso caso aqui): Deus não é responsável pelo mal; e iii) Os meios empregados devem satisfazer a lógica da não-contradição e da totalização sistemática. Não obstante, desde a tradição agostiniana até Leibniz, o problema do mal, nas formulações das teodicéias, deu-se através de três vértices principais: o mal compreendido como físico, o mal moral e o mal metafísico, (este último referente a finitude e a morte), Cf. RICOUER, Paul. *O Mal – Um Desafio à Filosofia e à Teologia*, pp. 34-43. Frente ao problema da teodicéia, a solução leibniziana para o mal se resume numa formulação teorética: “O mal não é uma realidade e, portanto, a sua responsabilidade não ascende até Deus”, Cf. ABAGNANO, Nicola. In verbete Teodicéia., p. 913. Acrescentaríamos: a procedência do mal não provém diretamente de Deus nem conta com sua parceria, mas é uma realidade (não-ontológica) intrínseca à condição humana, e extrínseca a nós, por que muitos dos fenômenos e epifenômenos que se circunscre-

do, lembrei-me de um artigo que li. O famoso “Menino do Rio”, a menina dos olhos de Caetano Veloso, possuía um biotipo invejável: era alto, loiro e de olhos verdes. Caetano Veloso se apaixonou por seu tipo físico e lhe compôs a canção intitulada “Menino do Rio”. O rapaz sofreu um acidente e ficou paralítico. Acabou suicidando-se. Faltou-lhe mais que saúde física, saúde emocional e espiritual para enfrentar um transe como o que enfrentou.

Isso nos remete, desde logo, à figura do mal. O mal corrói nossas bases, desestabiliza nossas crenças, embrenha-se na nossa existência e coloca-nos num labirinto sem o fio condutor de Ariadne. O sofrimento metamorfoseia-se, transforma-se, escamoteia-se, adquirindo a cada dia novas e coloridas faces. “Às vezes, assume formas de círculos infernais de pobreza, violência, racismo, e outras pela poluição da natureza, à medida que estamos fazendo do mundo um inferno” (J. Moltmann).

Por um lado, a anatomia do mal está longe de ser vasculhado na sua inteireza. Vasculhar-lhes os caminhos ultrapassariam de longe a pretensão destas linhas. Entretanto, apresentar como ele sutilmente se apresenta em nosso cotidiano, é-nos necessário. De um lado: estão a vida, o prazer, a felicidade, o bem, o gozo, a satisfação, o gosto, o estético, a plenitude, a fruição, o desfrute, o proveitoso, o usufruto e congêneres e tudo aquilo que os dicionários puderem nos fornecer. Do outro lado: situam-se a morte, a dor, o sofrimento, a perda, o mal, a insatisfação, a frustração, o desgosto, o fracasso, a carência (Comblin).

Nos hospitais, principalmente no SUS, as pessoas vivem o Auschwitz nosso de cada dia. A famigerada indústria farmacêutica em uma das mãos acena com o remédio que pode curar e amenizar o sofrimento das pessoas e, na outra, está com a foice que busca vitimizar o pobre do paciente que não pode comprá-lo.

vem na realidade humana ocorrem de maneira inusitada, alguns sem qualquer nexo; outros, por seu modo, seguindo o modelo natural, fogem totalmente do nosso controle e alcance.

Por outro prisma, compartilhando com a idéia de Isaltino⁹, “parte do erro da teologia da prosperidade consiste nisto: em ser materialista e hedonista, presumindo que bens materiais, riquezas e até saúde física consistem nas maiores necessidades humanas”. Não compreendendo que às vezes, mormente em casos excepcionais, o sofrimento pode ser “forjador” de um caráter rijo.

Mutatis mutandis. Uma propaganda de natal e ano novo dizia o seguinte: “muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender”. É o receituário da teologia da prosperidade que vê no endinheiramento instantâneo e fácil a saída para todos os problemas, diferindo-se potencialmente da pregação wesleyana, que enfatiza a vida social e desapegada, vida atrelada não para o sofrimento, mas voltada para a vida do/a sofredor/a.

A questão se torna um agravante porque é difícilíssimo discorrer sobre a temática do mal e do sofrimento, visto não serem meras abstrações e teorias. A bem da verdade, o problema do sofrimento é um enigma que paira acima de nossas deduções e conclusões racionais. Em Jó, a tragicidade do cotidiano vai se acentuando na medida que ele vai experimentando o sentimento da dor e da perda gradativa de sua saúde física. E esta tragédia, que se associa ao fato real, é bem evidente no transcurso da nossa incursão existencial. Assim como Epicuro¹⁰, Jó pensa o prazer a partir da dor e não o contrário. A felicidade, para Epicuro, é duplamente paradoxal: encerra possibilidade e impossibilidade. É possível porque o sábio pode ser feliz até no sofrimento. Impossível, porque uma vez sofrendo, o ser humano expe-

⁹ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Igreja: Agência de Transformação*. Algumas ilustrações por mim utilizadas foram retiradas do texto de Coelho Filho, que foram oralmente proferidas por ocasião da 21ª. Conferência Teológica organizada pelo Seminário Teológico Batista Equatorial (STBE).

¹⁰ Os epicuristas pensavam que o ser humano seria completamente feliz quando abolissem dois temores epidérmicos: o dos deuses e da morte. Em relação a morte, provém o famoso bordão, “quando a morte é não somos, quando somos ela não é. É necessário ainda que o homem se liberte da ânsia incontrolada de prazeres e do incontido pesar pelas dores, Cf. “Epicuro”, Suplemento da Coleção Os pensadores, p. 92.

rimente apenas alguns lampejos de felicidade. Será possível isto, humanamente falando, ser feliz até quando se está sofrendo?

Então vejamos. “Um jovem estava no hospital porque perdera uma perna. De repente, aproximou-se um pastor e disse: “posso lhe falar do amor de Deus”. O rapaz explodiu: “Para o senhor é muito fácil falar do amor de Deus. O senhor está com as duas pernas. Eu perdi uma”, finalizou o rapaz. Calmamente, o pastor puxou as pernas das calças, mostrou-lhe a prótese, e lhe disse: “Eu perdi as duas. Posso lhe falar agora do amor de Deus?””¹¹

Isto significa ter saúde emocional e espiritual. Em vez de chorar misérias, de ter autocompaixão, de lamber as feridas ou entregar os pontos, o líder eclesiástico encontrou forças para viver, para servir a Deus e ao próximo. Isto não aponta para um “super-homem”, “se-mideus” ou coisas desse tipo. É possuir *shalom* — ter paz, equilíbrio e sobriedade nos momentos mais difíceis da nossa existência. Às vezes, pode parecer apenas simplismo. Todavia, é papel nosso formar pessoas que acreditem na possibilidade de desfrutar um mundo melhor, mesmo que nele haja lamento, sofrimento e dor.

Como se não bastasse o sofrimento estampado e generalizado no mundo, a pós-modernidade fez emergir novas categorias e modalidades de sofrimento e sofrer, com vistas ao “entretenimento”, de forma sinistra e espetacular, dos telespectadores.

Trata-se da midiaticização do sofrimento — a violência e o sofrimento reproduzidos em tempo real, *via on line*. Vistos emblematicamente, de um lado, no colapso mundial inaugurado pelo banho de sangue ocorrido nos atentados contra o World Trade Center e pela matança indisciplinada dos pobres afegãos, no revide norte-americano, do outro lado. A tragédia real dispensa efeitos visuais e sonoros. Ela ali ao vivo e em cores avermelhadas. Distante, mas tão próxima de nós. Desta forma, a mídia é pura arte mimética — ela *mimetiza*, fazendo emergir, agora de modo sofisticado — as interfacialidades da

¹¹ Cf. COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Igreja: Agência de Transformação*. Op. cit.

tragédia grega. O teatro *dionisíaco* foi substituído pela tevê *demonisíaca*. É um novo tipo de transferência psicológica porque no sofrimento dos outros projetamos nossas fantasias.

À guisa de conclusão

Inicialmente pensei em finalizar este artigo. Mas, finalizando-o, dediquei-me na sua não-conclusão. Epílogo? Nem pensar! Não vou concluir. Muito embora as normas da ABNT me digam que devo fazê-lo. Procedo, assim, por duas pequenas razões. Primeira, pelo fato de a temática do mal e do sofrimento serem temas inconclusos e, segunda, porque sua complexidade é hiperbólica demais para ser respondida e dada por acabada num texto tão limitado como este. E acrescentaria ainda um terceiro elemento: o próprio livro de Jó não responde as nossas dúvidas sobre o sofrimento. Não há esquemas prontos. Não devemos esperar de sua experiência uma completa resposta às nossas inquiuições. Ele apenas nos ajuda a formular mais perguntas.

Já que não vou concluir, vou sugerir algumas pistas que emanam do livro:

1) O livro pouco a pouco vai tomando uma outra dimensão: ele nos liberta da idéia de que preciso sofrer para ganhar o céu. Não é um manual de ascese, de sofrimento. Mas indica que lá no fundo do sofrimento está presente o mistério de Deus para nos ajudar e consolar, posto que até o próprio Deus sofre.

2) O livro também não é um manual para se fazer uma revolução contra a injustiça que produz a maior parte dos sofrimentos entre nós. Mas também não é um livro de acomodação, que tenta narcotizar àqueles/as que sofrem. Não nos convida a assistirmos o sofrimento de camarote. Temos, na medida do possível, de erradicá-lo, de bani-lo da vida de grupos sociais, de pessoas isoladamente, e em toda sociedade.

3) A experiência do sofrimento de Jó desafia-nos a lidar com o seu e nosso sofrimento. Convida-nos a não sermos coniventes com a injustiça praticada no mundo. Ensina-nos também a não julgar os nossos irmãos e irmãs pelas lutas diárias pelas quais possam estar passando, como ocorreu com os amigos de Jó, sendo solidários/as, amigos/as e irmãos/ãs, a fim de que tais pessoas atravessem confortados/as, seguros/as e protegidos/as pela zona de perigo.

4) O livro nos ensina que é perfeitamente plausível servir a Deus sem esperar nada em troca dessa relação. O livro de Jó encontra seu ápice no capítulo 42.7-17. Esta parte se refere ao seu livramento. A porte de saída. O final feliz que todos nós queríamos que acontecesse nos dramas da vida. Naquele tempo, eles ainda não conheciam a doutrina da ressurreição. Para eles, a recompensa de Deus precisava manifestar-se aqui na terra. Porque Jó foi fiel, Deus restitui-lhe os seus bens. Não havendo chegado a fé na ressurreição, o povo precisava desse tipo de consolação: precisava acreditar num Deus que restitui os bens, a saúde, a vida. Tudo isso, contudo, será premissa indispensável para alguém ser fiel a Deus? À base de favores? É possível servir a Deus sem pedir-lhe nada em troca? Jó aposta que sim! Para ele, é possível servir a Deus face as provações cotidianas, ainda que estas sejam questionáveis. Mais: Jó resignou-se estoicamente sem esperar nada em troca de Deus. Inexistiu barganha. Por isso, tudo o que tinha lhe foi restituído. A fé de Jó não se estabeleceu na premissa do toma-lá-dá-cá. Tal ato é infantilismo, contratual demais e fruto do modernismo. Uma fé que subsiste à base da troca recíproca é fé mercantilizada, fincada em interesses pessoais. A gratuidade, ao contrário, subverte essa lógica: dá porque não espera receber nada em troca, pois só há sentido em receber, nessa categoria de análise, porque ousou dar-se.

O sofrimento de Jó e de muitas pessoas no Brasil nos remete a cristo. Seu sofrimento revela inequivocamente a conspiração política e religiosa que sofreu em seu tempo. O sofrimento trouxe a solidão, e com ela o ar rarefeito. Na cruz, vemo-lo bradar e fazer coro à lamúria

de todos/as os/as sofredores: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?” (Mc 15.34). Essa pergunta também o é de uma multidão de pessoas que sofrem no percurso da vida. O queixume de Jó e de Cristo, não poucas vezes, se confunde com o nosso.

Para nós, entrementes, Jesus é consolo, esperança e saída para qualquer sofrimento. Em Cristo, somos convidados a consolar os que sofrem, levando-os a superarem o sofrimento. Seu sofrimento e sua morte são provas cabais de que até Deus padece sofrimentos, ao mesmo tempo, é porta de entrada para a vida nova e eterna, da qual todos nós somos co-participantes.

Enfim, o que nos interessa não é apenas discorrer sobre a gênese do mal e do sofrimento. O sofrimento por si mesmo não se explica. Ele está aí. E qualquer dia desse ele pode bater à nossa porta. O que interessa é saber como enfrentá-lo e o que fazer com a vida humana que sofre, socorrendo-a em seu sofrimento.

Finalizo com duas sentenças axiomáticas, que servem como corolário para tudo aquilo que acima foi considerado sobre o problema do mal e do sofrimento: “O mundo é perigoso não por causa daqueles que fazem o mal, mas por causa daqueles que vêem e deixam o mal ser feito” (A.Einstein). “A flor que desabrocha na adversidade é a mais bela entre todas” (Filme *Mulan* — clássico infantil de Walt Disney).

Bibliografia

- ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, 2ª ed, São Paulo, Mestre Jou, 1962.
- BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal – ensaios sobre os fenômenos extremos*. 6ª ed., Campinas, SP, Papirus, 1990.
- COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Igreja: Agência de Transformação*. Belém-Pará, Apostila mimeo/junho/1996.
- EPICURO, *Antologia de textos*. col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- LEVEQUE, Jean. *Jó: o livro e sua mensagem*. São Paulo, Paulinas, 1987 – col. Cadernos Bíblicos.
- RICOUER, Paul. *O Mal – um desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas, SP, Papirus, 1988.
- STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jó: o desafio da verdadeira religião*. 2^a ed., São Paulo, Paulus, 1992.
- ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*, 2^a ed., col. Filosofia Nº 61, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

Jesus Tavernard Júnior
é graduando em Filosofia pela FFLCH (USP)
e em Teologia pela FT (UMESP).